

PARA QUE QUER AVIÕES O EXÉRCITO

Gen-Bda A. FRANCO FERREIRA

“Karay ambaé, morubixaba guacu, akakuá ou memê!... ou memê!...”, — Comandante... uma coisa descomunal, aumentando e caminhando para cá... — Esta foi a frase angustiada com que um sentinela guarani, do alto do seu “mangrullo de reverbêro” dos campos de TUYUCUÊ, anunciou no dia 8 de junho de 1867, a presença nos ares, pela primeira vez na América do Sul — de um balão cativo de observação, que a sabedoria de CAXIAS fêz ascender para observar as posições adversárias e realizar estudos do terreno e desenhar plantas topográficas que viessem a facilitar seu projetado desbordamento das posições de HUMAITÁ, concretizado, dias mais tarde, pela famigerada “Marcha de Flanco por Tio Domingues”. E, diz a lenda: — o sentinela esborrachou-se no chão, ao tentar, apavorado com a “coisa descomunal”, alcançá-la com a sua baioneta, num desvairado salto dado do seu mangrullo para o espaço, na esperança de atingir a “coisa” que se bailoçava elegantemente nos ares, a mais de quilômetro de distância. Mas a verdade registrada por TASSO FRAGOSO, na “História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai”. (III Vol. — Fls. 183/4), é que “sempre que o balão aparecia, os paraguaios faziam muita fumaça em frente às suas trincheiras para ocultá-las. Com êsse intuito preparavam de antemão as fogueiras, recorrendo ao pasto”.

A simples lembrança dêste quase centenário fato histórico seria argumento bastante para justificar a necessidade de possuir o Exército seus aviões próprios, manejados e mantidos por seu próprio pessoal, para serem utilizados quando e onde as circunstâncias o indicarem, por forma a assegurar ao comando as informações do campo de batalha de que necessitar para tomar suas decisões, como o fêz o grande mestre militar do Brasil. Todavia, há noventa e cinco anos atrás a guerra terrestre não usava blindados, e os mais poderosos recursos de fogo não atingiam alcances além dos 2.000 metros.

Os blindados são, hoje em dia, os mais temíveis adversários, no desenrolar da guerra convencional; sua capacidade de deslocamento através de terrenos difíceis, sua velocidade desenvolvida em rasa campanha, o poder de fogo que lhe é intrínseco e que pode ser utilizado com relativa precisão mesmo com o engenho em marcha, a invulnerabilidade de que se sentem cobertos os homens das suas guarnições e a instrução que recebem em qualquer exército do mundo, são os elementos do desenvolvimento de suas possibilidades de surpresa, de poder de choque e de potência de fogo, que os tornam excepcionalmente perigosos, se não forem detectados à distância. Nos exércitos modernos, faz parte inte-

grante dos elementos de busca de informações — a missão específica da cavalaria —, o ESQUADRÃO DE CAVALARIA DO AR, com três unidades elementares de combate, o Pelotão de Esclarecedores Aéreos, o Pelotão de Fuzileiros Aéreos e o Pelotão de Petrechos Aéreos, os quais, por si só definem as missões do Esquadrão novidade do século. Dotado de possantes recursos eletrônicos, êste moderno meio de busca, utilizando aviões de pequenas exigências de campos de decolagem ou de aterrisagem e helicópteros de tipo leve para simples observação, ou tipo médio, para pequenos transportes, pode assinalar e acompanhar os blindados inimigos, nos difíceis momentos da busca de contato. Por outro lado, agindo êle, como é fácil de prever, bem adiante dos blindados amigos de reconhecimento, cobre-lhes os movimentos pelas informações que pode fornecer, ou mesmo, pela ocupação de pontos sensíveis do terreno, por seus fuzileiros e petrechos, por forma a facilitar a sua manobra ofensiva ou defensiva e retardadora, sem mencionar, ainda, a possibilidade que têm seus aparelhos (particularmente os helicópteros médios) de serem armados com foguetes ar-terra, para o ataque eventual de carros de combate isolados, ou em pares, colhidos de surpresa em sua missão de busca terrestre.

Eis, portanto, uma primeira — e muito séria razão — para se pleitear aviões orgânicos para o Exército, contra a qual não é aceitável a objeção de que as Forças Aéreas poderiam realizar tais missões, diante das três considerações seguintes :

— PRIMEIRA, o vulto que podem vir a assumir as missões estratégicas das forças aéreas, ocupando material e pessoal altamente especializado e custosamente treinado que não pode ser desviado para outras missões, e também a complexidade das modernas missões táticas da aviação não comportam a inclusão de tão elementares encargos ;

— SEGUNDA, as missões acima descritas do Esquadrão de Cavalaria do Ar, comportam apenas a fase inicial da busca de informações, e no entanto, já se ressalta a necessidade de uma relativa permanência de observação e um sentido de emprêgo inopinado de meios que só as circunstâncias podem ditar. Por melhor entrosadas que estejam as operações combinadas "Terra-Ar", por completos que sejam os entendimentos dos Estados-Maiores das duas forças, não há como conciliar administrativamente o uso, em aparelhos de uma força, de engenhos de detecção, radares de localização e telecomunicações pertencentes à outra força e por ela usados tanto no ar como em terra, sem recorrer à dupla aquisição e à predestinação de materiais e guarnições para operá-los, de vez que se torna impossível planejar tão inopinadas situações ;

— TERCEIRA, a simplicidade técnica aviatória de que se revestem tão importantes missões da descoberta terrestre, não justifica destinarem-se aviadores de demorada e dispendiosa formação para a utilização de materiais de elementar facilidade de manejo e que bem podem ser utilizados por pilotos de rápida formação e mantidos por pessoal próprio do Exército. Ademais, são os modernos reclamos da Descoberta,

que exigem a presença orgânica dos Esquadrões de Cavalaria do Ar, com missões prontas que não podem esperar por vêzes na complicada ordem de urgência das missões da Aeronáutica.

Uma vez tomado o contato, ou mesmo antes dêle, qualquer exército moderno, dispondo ou não de arsenal atômico, terá que enfrentar lutas que conduzem a uma filosofia baseada em três aspectos essenciais :

— PRIMEIRO — é preciso capacitar-se da possibilidade da constante ameaça do uso de atômicos, qualquer que seja o tipo de guerra engajada ;

— SEGUNDO — as forças devem ter atingido a um grau de treinamento e de dotações que lhes assegure, sobre as do adversário, superioridade em mobilidade estratégica e tática, capacidade para operar em terrenos de quaisquer naturezas e sob quaisquer condições de tempo e empregando os mais adequados métodos de combate para destruir o inimigo ;

— TERCEIRO — para que um Exército moderno sobreviva com sucesso no campo de batalha de amanhã, precisa se exceder sobre o adversário em potencial nos campos da mobilidade, da potência de fogo e das comunicações, o que é grandemente dependente das elevadas possibilidades de vigilância de combate de que fôr dotado.

Diante da constante ameaça atômica, proscrevem-se as reuniões maciças, recomenda-se fluidez de ocupação, flexibilidade na penetração e, em qualquer caso, a conservação de reservas móveis capazes de contra-atacar, ou de reforçar ou ultrapassar um elemento de penetração momentaneamente detido. Há pois necessidade, para o ataque, de conhecer, na exata hora "H", não só onde estão localizados os pontos fortes do inimigo, como e principalmente, como se encontram os corredores de infiltração escolhidos e onde se colocam as reservas do inimigo capazes de bloqueá-los; para a defesa, nas mesmas condições, é preciso saber por onde e para onde se dirigem os elementos de infiltração ou os reconhecimentos em força dos atacantes. Em qualquer caso, haverá no terreno um grande número de elementos de êfetivo relativamente pequeno, operando a grandes distâncias um do outro, ocupando largas frentes e desenvolvidos em apreciáveis profundidades, o que constituirá um problema de comando e de contrôle, se não se dispuser de eficientes recursos de observação e instantâneos meios de comunicações. Seria esta uma segunda razão para se pedir aviões para o Exército; aviões próprios, que possam ser utilizados em permanência de observação, ou que atendam a saídas inopinadas e urgentes, para esclarecimento imediato de um informe, ou confirmação de um indício por meio de tomada de fotografias verticais ou oblíquas.

A fluidez e a flexibilidade pedida às tropas no campo de batalha condenam as formações pesadas, como era o tradicional regimento de infantaria, substituindo o elo da cadeia de comando pela presença, nas organizações modernizadas das Divisões, da Brigada de Infantaria, capaz de enquadrar vários batalhões de infantaria, elementos de apoio e de

reforço, para o cumprimento de determinadas tarefas operacionais. Mas, atendendo à que o campo de batalha da atualidade há de apresentar um grande número de pequenas unidades, distantes entre si, mesmo no cumprimento da mesma tarefa, esse comando de brigada não pode prescindir de seus aviões próprios para o exercício do controle de comando e para a efetivação das indispensáveis ligações de Estado-Maior, ou quiçá para apenas voltar às primárias operações de lança-mensagens e apanha-mensagens, do fim da Primeira Grande Guerra. São missões que já não competem mais aos aviadores treinados em jatos super-sônicos ou em bombardeiros de complicada navegação.

Por outro lado, os dois pequenos aviões "Teco-teco" dados às Artilharias Divisionárias das Divisões que fizeram a Segunda Grande Guerra, foram agora sextuplicados, para atender a u'a maior permanência no ar, e os aparelhos substituídos por outros, ligeiramente mais confortáveis, a fim de poderem operar com mais modernos recursos de observação e de comunicações, mas continuando ser monomotores de pistão, pouco exigentes em campos de pouso e de fácil manutenção em campanha. Haverá vantagem em liberar a Aeronáutica de operar e manter os pequenos aviões dos AD, entregando-os aos cuidados e manuseio do pessoal verde-oliva e empregando seu pessoal especializado junto dos seus possantes aviões de combate.

Por fim, a moderna Divisão está fadada a desempenhar, as mais das vezes, missões em frentes bem mais largas do que aquelas com que fez a Segunda Grande Guerra e nelas precisa se exceder ao adversário em mobilidade, potência de fogo e em recursos de comunicações. Para atender a qualquer dos aspectos citados, precisa a Divisão de aviões próprios e servidos por pessoal do Exército. A permanência, de dia e de noite e sob quaisquer condições de tempo, da observação do campo de batalha, aumenta os recursos da mobilidade, indicando-lhe os caminhos desimpedidos e protegendo-a contra surpresas e contra-ataques. A cooperação dos helicópteros com a Engenharia, para o transporte de pequenos fardos na transposição de obstáculos ou na restauração da continuidade das vias de comunicações, assim como a cooperação desses aparelhos com as unidades de Comunicações, para facilitar o cumprimento das missões que lhe são inerentes, são maneiras de contribuir para o aumento do valor combativo da Divisão e que importam em operações aéreas de elementar simplicidade que não comportam o desvio de pessoal especializado para desempenhá-las, tudo sem falar nas possíveis manobras de evacuação aero-médica e nas de vigilância QBR (Agentes químicos, biológicos e rádio-ativos), necessidades hoje consideradas irrefragáveis e que uma vez surgidas não podem aguardar inclusão em planos de urgência.

É pois para aumento da capacidade combativa das forças terrestres que é preciso dotá-las organicamente de aviões tripulados e mantidos por pessoal do Exército.